

INVESTIGANDO O PROCESSO TRADUTÓRIO

Heloisia Gonçalves Barbosa
Aurora Maria Soares Neiva
UFRJ

O PRESENTE TRABALHO DESCREVE BREVEMENTE a evolução da pesquisa em tradução, abordando o deslocamento de seu foco do produto para o processo, até a adoção da metodologia empírica para acessar os processos mentais desenvolvidos durante o ato tradutório. Traça as origens desta metodologia a partir da psicolinguística voltada para a aprendizagem de línguas até sua aplicação no campo dos estudos da tradução. Finalmente, relata as investigações em curso no âmbito do Projeto PRONIT, que se utilizam de métodos introspectivos, apontando resultados e indicando caminhos a serem seguidos no futuro.

1. Histórico da área de pesquisa

Durante muitos séculos, os estudos da tradução tiveram como seu objeto um produto acabado, ou seja, uma tradução pronta, muitas vezes já publicada. As primeiras tentativas de investigar o processo tradutório voltavam-se ainda para produtos finais: examinavam várias traduções de um mesmo texto. Com vistas a se aproximar mais do que ia pela cabeça do tradutor no ato de traduzir, passaram-se a examinar também rascunhos de traduções, desenvolvendo-se, ao mesmo tempo, um interesse pelos prefácios de tradutores e pelas concepções que estes aí revelavam sobre o que é traduzir. A partir

de meados dos anos 80 e entrando pelos anos 90, é que alguns pesquisadores, notadamente na Alemanha (Kring 1986, 1987; Lörcher 1991, 1991a, 1993), no Canadá (Séguinot 1989, 1989a, 1989b, 1989c, 1991, 1993, 1995), na Finlândia (Jääskeläinen, 1989, 1989a, 1990, 1991 1993 e a ser publicado; Jääskeläinen e Tirkkonen-Condit 1991; Tirkkonen-Condit 1986, 1989, 1991, 1993, 1993a, 1993b) e nos Estados Unidos (Gerloff 1984, 1987) começaram a utilizar técnicas introspectivas como meio de observar o processo tradutório tal como este se desenrola durante a execução da tarefa de traduzir.¹

A adoção desta nova abordagem pelos estudos da tradução se fez a partir de desenvolvimentos recentes ocorridos em outro campo de pesquisa com o qual guarda grande afinidade: a investigação sobre o ensino e a aprendizagem de segunda língua, no campo da lingüística aplicada, que, como demonstram Færsh e Kasper (1987), tem sido marcada pela utilização de métodos introspectivos de pesquisa. Tal tendência resulta de uma mudança do foco nos estudos realizados nesta área: a pesquisa que antes se voltava exclusivamente para o produto da aprendizagem passa a se concentrar predominantemente no processo em si. Busca-se, portanto, depreender, analisar e classificar as estratégias cognitivas a que recorre o aprendiz na solução da gama de problemas com que se depara durante atividades de produção e recepção textual em uma segunda língua ou língua estrangeira. Essencialmente qualitativa e empírica, a pesquisa introspectiva permite que se obtenha uma intravisão dos *processos conscientes de pensamento* do aprendiz durante a execução de tarefas específicas, conforme elucidam Cohen (1989:1-3) e Cavalcanti (1989:129-158).

Oriundos da psicologia, os métodos de pesquisa introspectiva foram concebidos no final do século passado e largamente utilizados, até o advento do behaviorismo, como instrumentos fundamentais para investigações que se propunham a descrever os processos mentais do ser humano. Rejeitados pela corrente behaviorista dominante, que, por princípio, não permitia a adoção de técnicas de pesquisa que não fossem rigorosamente objetivas, os métodos introspectivos voltaram a ser considerados como meios legítimos para a coleta de dados a partir da década de 70 em estudos realizados

dentro do paradigma da psicologia cognitiva experimental. Mais especificamente, através do modelo de processamento da informação proposto por Ericsson e Simon (1980, 1984), vê-se ressurgir o argumento em favor do emprego dos métodos introspectivos em pesquisas que tenham por finalidade estudar os processos cognitivos pertinentes a tarefas que envolvam a resolução de problemas (cf. Ericsson e Simon 1987), dentre estas, a tradução.

A pesquisa empírica se utiliza, portanto, de diversas técnicas introspectivas para a coleta de dados, conhecidas como métodos de *auto-observação* (cf. Cohen 1989:4): a *retrospecção imediata*, em que o sujeito rememora as estratégias que utilizou para a resolução dos problemas inerentes à realização de uma determinada tarefa até 30 minutos após o término desta; a *retrospecção protelada*, em que a rememoração é feita com um intervalo de tempo maior após a conclusão da tarefa, podendo as duas modalidades utilizarem-se de entrevistas gravadas em fita ou de questionários; e, finalmente, a *introspecção do processamento corrente*, técnica também conhecida como *pensar alto*, posto que, uma vez proposta uma tarefa a um informante, pede-se a este que oralize tudo que lhe vier à mente enquanto realiza esta tarefa, gravando-se em fita sua oralização.

2. O projeto PRONIT

É dentro deste conceito de investigação que se constituiu, em julho de 1993, um projeto de pesquisa integrado e interdepartamental na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), denominado PRONIT (Processo e Produto na Investigação da Tradução). O PRONIT é integrado por duas professoras-pesquisadoras coordenadoras do Projeto (Angela Maria da Silva Corrêa e Heloisa Gonçalves Barbosa), duas professoras-pesquisadoras colaboradoras (Aurora Maria Soares Neiva e Maria Thereza Redig de Campos Barrocas), contando com quatro bolsistas do Programa de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq), além da colaboração de alunos de pós-graduação do Programa de Letras Neolatinas e do Programa

Interdisciplinar de Linguística Aplicada do Departamento de Letras Anglo-Germânicas.

3. Metodologia

Dentre as técnicas utilizadas pela pesquisa empírica, o PRONIT tem-se valido primordialmente da *introspecção do processamento corrente* para que seus pesquisadores possam ter acesso às estratégias cognitivas utilizadas por informantes durante o processo tradutório. Primeiramente, a tradução é considerada como uma tarefa a ser executada pelo informante, que recebe um texto desconhecido, em língua estrangeira (francês ou inglês), de alguma dificuldade, para que o traduza para o português. Na presença de um monitor da tarefa, o informante passa a tentar efetuar a tradução, da maneira que achar mais conveniente. O monitor-elicitor procura assegurar-se de que o informante oralize tanto o que lê no texto em língua fonte como o que escreve na língua de chegada à medida em que gera um novo texto, bem como todos pensamentos que lhe vierem à mente durante este processo. Suas oralizações são gravadas em fita de áudio e o material gravado é, posteriormente, transcrito na íntegra, gerando documentos escritos denominados *protocolos verbais*. Através da análise do que fica registrado em tais *protocolos*, torna-se possível verificar de que recursos se vale o tradutor, de maneira consciente, para resolver problemas específicos de tradução ou tomar decisões. Assim instrumentalizado, o projeto de pesquisa PRONIT pretende elucidar as estratégias cognitivas pertinentes ao processo tradutório e reconhecer outros aspectos relevantes que possam justificar o modo como aprendizes e profissionais da tradução realizam sua tarefa.

4. Principais hipóteses e resultados

Realizando experiência piloto em que analisava seu próprio protocolo

verbal, feito concomitantemente a sua pesquisa de doutoramento, Corrêa (1991) pôde constatar a utilidade deste método de coleta de dados como um registro das reflexões do tradutor durante a execução de sua tarefa. Suas observações levaram-na a considerar a existência daquilo que denominou *fluxo tradutório*, ou seja, de uma quantidade variável de processamento textual que o tradutor realiza sem efetuar pausas.² Tais resultados pareciam corroborar as pesquisas de Séguinot (1989b), para quem as pausas e hesitações encontradas nos protocolos verbais também constituem evidências de que o tradutor aí encontrou ou previu uma dificuldade, teve necessidade de corrigir alguma coisa ou está-se preparando para passar a lidar com outro segmento textual. Assim, o PRONIT tomou como base para sua investigação o fato de que as pausas efetuadas no *fluxo tradutório*, tal como detectadas no protocolo verbal, são cruciais para a análise do processo da tradução.

Adotadas tais premissas, análises posteriores deste primeiro protocolo, já no âmbito do Projeto, encontraram evidências favoráveis a uma conceituação de *unidade de tradução*, problema que vem há muito preocupando pesquisadores, desde que Vinay e Darbelnet (1957, 1995, cf. Shuttleworth e Cowie 1997:192-93) emitiram o conceito.³ A análise deste protocolo deixou claro que a tradutora segmenta o texto de partida em diversos tipos de unidades, tais como “frases e orações” (cf. Corrêa 1994). Ao finalizar sua tradução para além do texto obtido durante a realização do protocolo verbal, a pesquisadora comprovou que o processo tradutório de um tradutor experiente parecia dividir-se em várias etapas. A primeira, à qual denominou *transcodificação*, seria aquela em que “o tradutor constrói o arcabouço de seu texto para ser revisto e retrabalhado” (cf. Corrêa 1994). Seria, então, nas etapas posteriores, de revisão e reescrita, quando “uma visão global” do texto traduzido seria levada em consideração, que o tradutor experiente afinal resolveria muitos dos problemas que teriam motivado as quebras do *fluxo tradutório* durante a primeira etapa (cf. Corrêa 1994:72-73).

O conceito de *unidades de tradução* tem sido examinado também

em sub-projetos integrantes do PRONIT. Adaptando as classificações elaboradas por Gerloff (1987) e Barkhudarov (1993) para refletir o processo tradutório de uma tradutora aprendiz, com nível intermediário de inglês, a bolsista Débora Cunha da Silva analisou seu próprio protocolo verbal em busca de *unidades de tradução*. A partir das pausas, reveladoras de *quebras do fluxo tradutório*, que percebeu, concluiu que, como tradutora iniciante, havia segmentado o texto em 314 unidades na primeira etapa de seu processo tradutório. Detectou que, destas segmentações, 89 — ou 28,34% do total — ocorreram no nível da oração, tendo as demais ficado distribuídas entre unidades menores: 56,6% no nível sintagmático, 12,1% no nível da palavra e 2,86% em combinações de palavras que não correspondem a constituintes sintáticos. Como a própria pesquisadora pondera, não foram encontradas em seu protocolo unidades que se estendessem a períodos completos, que dirá a segmentos discursivos mais longos (cf. Cunha da Silva 1996:6-9). Uma posterior análise destes resultados, contrastando-os aos obtidos em protocolos realizados por tradutores experientes, permitirá que se verifique se há alguma diferença entre as unidades com que trabalham estes dois tipos de tradutor, o que poderá vir a influenciar o ensino de tradução no sentido de levar o aprendiz a uma segmentação textual que redunde em processos tradutórios mais eficientes.

Martins (1996), a partir de uma análise comparativa de protocolos verbais realizados por dois grupos de tradutores trabalhando do francês para o português — três tradutores inexperientes, dois estudantes adiantados do curso de graduação em francês e um de pós-graduação, além de três tradutores experientes, com larga vivência profissional — aprofundou o exame da questão, redefinindo a unidade com que trabalha o tradutor como *unidade de atenção*, segundo proposta de Jääskeläinen (1990, 1993). Analisou ao todo nove protocolos verbais oriundos da tradução de três textos diferentes, nos quais demarcou as *unidades de atenção* que se tornavam evidentes na leitura-interpretação do texto de partida por parte do tradutor, comparando-as com aquelas assinaladas no momento da produção textual na língua de chegada, primeiramente entre os membros de

cada grupo de tradutores e, logo em seguida, entre os dois grupos. Verificou, assim, que, enquanto as oralizações de tradutores experientes indicam que estão atentos tanto a problemas de ordem micro-estrutural como também aos de ordem macro-textual, os protocolos verbais dos tradutores inexperientes revelam uma preocupação exclusiva com questões micro-estruturais.

Para explicar esta constatação, Martins (1996:102-104) se vale dos conceitos de *coerência local* e *coerência global* tal como trabalhados por Charolles (1978, 1983) e Van Dijk e Kintsch (1983), demonstrando que o tradutor inexperiente devota atenção apenas à construção da *coerência local*, deixando de buscar construir uma *coerência global*, o que o tradutor experiente não deixa de fazer, como já havia apontado Corrêa (1994:72-73). Martins vai adiante, levantando a hipótese de que o tradutor inexperiente se veja preso a questões de *coerência local* talvez por se pautar pelo pressuposto de que a coerência estaria presente no texto original e, conseqüentemente, seria estabelecida, de maneira automática, no texto produzido pelo tradutor na outra língua, bastando, para tanto, traduzir com os olhos voltados apenas para segmentos textuais muito pequenos. A noção de que a coerência é construída tanto no ato de leitura-interpretação do texto de partida como também quando da escrita do texto na língua de chegada, ou seja, na etapa de *retextualização* (cf. Costa 1992), parece, segundo Martins (1996:104-105), alheia ao tradutor inexperiente.

É possível perceber, na hipótese sugerida por Martins, pontos de contato com as primeiras reflexões efetuadas por bolsistas do PRONIT durante as análises de seus próprios protocolos. Em outras palavras, a suposição de que a atividade do tradutor inexperiente se guiaria por uma determinada concepção de *coerência textual*, que os levaria a privilegiar estratégias tradutórias que buscam apenas a *coerência local*, pode ser inferida a partir das reflexões destes bolsistas (tradutores iniciantes) sobre suas próprias concepções de tradução, as quais parecem influenciar o modo como abordaram a realização de suas primeiras traduções. Ao empregar a técnica de *retrospeção protelada* para tentar justificar o que motivou suas

pausas durante seu processo tradutório registrado em protocolo verbal, a bolsista Jussara Brandão faz o seguinte comentário: “Pensava que traduzir um texto era simplesmente fazer uma transposição de um idioma para o outro, bastando para tal o conhecimento das duas línguas envolvidas no processo.” Acrescenta ainda que não estava atenta ao “destinatário” do texto que estava produzindo nem à “realidade extra-lingüística” a que este remeteria, achando que bastasse, como tradutora, ater-se às “palavras” para produzir um bom texto (Corrêa *et alii* 1995). Fica evidente, no depoimento da aprendiz, que questões macro-textuais e pragmáticas não eram sequer consideradas por ela como sendo relevantes à atividade tradutória. De forma semelhante, a bolsista Danielle Rodrigues, refletindo acerca dos *procedimentos técnicos* (cf. Barbosa 1990) por ela utilizados na sua primeira tradução registrada em protocolo verbal, apresenta a sua concepção de iniciante a respeito da atividade tradutória dizendo: “Eu, de início, antes de ter maiores informações sobre tradução, traduzia tudo palavra-por-palavra, mesmo achando o resultado final não muito satisfatório, pois acreditava que para cada idioma havia uma palavra em outro idioma com o mesmo significado” (Corrêa *et alii* 1995).

De maneira independente, sem conhecimento, portanto, do que havia sido revelado por suas colegas, Cunha da Silva reforça a hipótese aqui levantada sobre a existência de uma relação entre a visão teórica da tradução que tem o tradutor aprendiz e as estratégias que adota ao traduzir. Também comentando retrospectivamente o seu processo tradutório, a pesquisadora-informante revela que, durante a gravação de seu protocolo verbal, uma de suas primeiras experiências como tradutora, sentiu-se “muito insegura ao tomar decisões”, pois achava que estavam fora de seu alcance; temia “alterar o original”, o que fez com que sua tradução fosse “extremamente literal e até mesmo palavra-por-palavra.” Segundo ela própria, tal atitude poderia explicar por que o texto que estava traduzindo foi segmentado, em sua maioria, em unidades menores que a oração (Cunha da Silva 1996: 3-4).

As pesquisas realizadas até agora parecem, portanto, indicar

que o tradutor iniciante aborda sua tarefa de uma maneira estritamente micro-textual e linear e que estabelece uma relação quase biunívoca entre o texto de partida e o texto que ele próprio está gerando em sua língua materna. Tal hipótese está sendo averiguada por meio de outros protocolos verbais produzidos por bolsistas que traduzem textos do inglês para o português no contexto do PRONIT. Ana Cristina Pinto da Silva deteve-se no exame dos *procedimentos técnicos da tradução* descritos por Barbosa (1990), tendo como um de seus objetivos averiguar se é realmente a *tradução literal* o procedimento mais utilizado pelo aprendiz de tradução. Os resultados parciais de sua pesquisa indicam que o tradutor iniciante tende realmente a abordar a tarefa da tradução primeiramente de maneira literal, ajustando o seu texto apenas às regras morfo-sintáticas do português, só muito raramente levando em consideração questões macro-textuais (cf. Pinto da Silva 1996). Tais conclusões deverão ser testadas com um maior número de protocolos verbais, feitos por grupos de tradutores com diversos níveis de habilidade, tarefa prevista no desenvolvimento futuro do projeto PRONIT. É importante frisar que a pesquisa de Pinto da Silva se propõe também a contribuir para um questionamento teórico-metodológico mais amplo, de relevância central para o Projeto como um todo: pretende-se verificar se é possível reconhecer, também nos protocolos verbais que registram o processo tradutório, os *procedimentos técnicos* que Barbosa (1990) descreveu tendo como ponto de partida o exame de traduções prontas, ou seja, *produtos finais*. Conforme aponta Pinto da Silva, além da *tradução literal*, outros procedimentos foram utilizados como estratégia de solução de problemas de tradução pela pesquisadora-informante como, por exemplo, a *explicitação* e a *transferência*, embora menos frequentemente que a *tradução literal* (cf. Pinto da Silva 1996:6-7). A análise de um maior número de protocolos verbais gerados por iniciantes, como também daqueles produzidos por tradutores experientes, permitirá aferir qual a relevância do modelo de Barbosa (1990) para a compreensão do processo tradutório.

Além disso, o PRONIT pretende investigar, de maneira controla-

da, se existe uma relação entre teoria de tradução e prática tradutória. Especificamente, pretende testar a hipótese de que a visão que o tradutor tem de sua atividade, quer seja ele iniciante ou não, interfere, explica ou direciona a maneira como traduz, tal como revelam os protocolos verbais analisados. Para tanto, Barbosa e Neiva elaboraram um questionário que visa elicitare informações acerca das concepções teóricas daquele que se propõe a tarefa de traduzir. Primeiramente, o questionário foi aplicado em uma turma no último período do curso de bacharelado de inglês, que está sendo treinada na prática da tradução de textos do inglês para o português. Em seguida, tem-se solicitado que estes alunos-informantes traduzam todos um mesmo texto, registrando seu processo tradutório por meio de protocolos verbais. Tais protocolos serão devidamente transcritos e posteriormente analisados para que se verifique se é possível correlacionar concepção de tradução e maneira de traduzir.

Visando verificar de que modo os gêneros ou tipos de texto com que trabalha um tradutor podem influenciar seu processo tradutório e como este se modifica à medida em que se realiza o treinamento profissional, a pesquisadora Maria Thereza Barrocas detém-se sobre uma modalidade específica de tradução, a juramentada. Sendo ela própria também profissional desta área, sua pesquisa leva em conta a meta que estabelecem para si mesmos os tradutores juramentados, ou seja, a norma de que devem produzir “um texto que descreva fielmente o documento original, conservando o contexto cultural da língua origem, mas respeitando, porém, as regras de coerência textual da língua de tradução.” Comparando protocolos verbais produzidos por três grupos de tradutores — o dos juramentados, o dos experientes não juramentados, e o dos aprendizes de tradução juramentada de um curso de tradução em nível de especialização — Barrocas pretende testar a seguinte hipótese: “o tradutor não juramentado, quer seja ele aprendiz ou profissional experiente, tende a buscar equivalências de conceitos jurídicos e de fórmulas notariais mesmo não existindo uma real equivalência na língua de tradução”, ao passo que o tradutor juramentado descreve “com fidelidade o documento original, sem alterar o contexto cultural no qual este se

insere” a ponto de produzir muitas vezes textos que não se atêm a critérios de “fluência e elegância textuais” (Corrêa et alii 1996).

5. Conclusão

Apesar de, em sua primeira fase, o projeto PRONIT já ter começado a formular e a testar algumas hipóteses consideradas centrais acerca do processo tradutório, tem-se consciência de que há muito ainda a ser investigado. Embora seja praticamente impossível desvendar o que se passa na mente humana em todos os seus níveis, acredita-se que a metodologia introspectiva seja capaz de fornecer instrumentos eficazes para que se compreendam as estratégias adotadas conscientemente durante o ato da tradução, permitindo, assim, que se comece a enveredar por um caminho que conduza o pesquisador para o mais próximo possível de uma resposta à pergunta “como é que o ser humano traduz?”

Fraser (1996) aponta algumas direções a serem tomadas pela pesquisa introspectiva do processo tradutório, vácuos deixados pelo investigadores da área, e é nestes pontos estratégicos que o PRONIT pretende centrar sua atuação: investigar como se modifica o processo tradutório do aprendiz à medida que avança no treinamento e no embasamento teórico, e aprofundar os estudos dos processos tradutórios de grupos de informantes com competências lingüísticas e tradutórias diversas. Ao contrastar as maneiras de agir de tradutores inexperientes e profissionais, torna-se possível que os primeiros incorporem a seus processos tradutórios estratégias que os levem a uma prática mais eficiente, o que pode levar a um aprimoramento do ensino-aprendizagem de tradução.



Referências

- BALLARD, Michel. (1996) "Les unités de traduction." Conferência proferida no I SEIT, "Seminário de Investigação da Tradução," realizado pelo PRONIT, Faculdade de Letras, UFRJ, 16 de setembro.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. (1990) *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes.
- BARKHUDAROV, Leonid. (1993) "The Problem of the Unit of Translation." In Palma Zlateva (ed.) *Translation as Social Action: Russian and Bulgarian Perspectives*. London: Routledge, pp. 39-46.
- CAVALCANTI, Marilda. (1989) *Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- CHAROLLES, Michel. (1978) "Introduction aux problèmes de cohérence des textes." *Langue Française* 36, pp. 7-41.
- _____. *Analyse du discours*. (1983) Rennes, Service d'enseignement à distance Université Rennes 2 - Haute Bretagne.
- COHEN, Andrew D. (1989) "Metodologia de pesquisa em lingüística aplicada: mudanças e perspectivas." *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 13: 1-13.
- CORRÊA, Angela Maria da Silva. (1994) "Unidades de tradução: uma visão introspectiva." *Letras* 8:67-73.
- _____. *et alii*. (1995) *Relatório parcial de pesquisas do PRONIT*. Relatório não publicado apresentado ao CEPG; UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ.
- _____. *et alii*. (1996) *Relatório parcial de pesquisas do PRONIT*. Relatório não publicado apresentado ao CEPG; UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ.
- COSTA, Walter Carlos. (1992) "The Translated Text as Re-textualization." *Ilha do Desterro* 28, pp. 133-53.
- CUNHA da SILVA, Débora. (1996) "As unidades de tradução no processo tradutório de uma aprendiz." Comunicação apresentada na XVIII Jornada de Ini-

ciação Científica da UFRJ, sob a orientação de Heloisa Gonçalves Barbosa.

ERICSSON, K. Anders e SIMON, Herbert A. (1980) "Verbal Reports as Data." *Psychological Review*, 87:3, pp. 215-51.

_____. (1984) *Protocol Analysis*. Cambridge, Mass.: MIT Press; Bradford.

_____. (1987) "Verbal Reports on Thinking." In Claus Færersch e Gabriele Kasper (eds). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 24-53.

FÆRSCH, Claus e KASPER, Gabriele. (1987) "From Product to Process — Introspective Methods in Second Language Research." In _____ (eds). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 5-23.

FRASER, Janet. (1996) "The Translator Investigated: Learning from Translation Process Analysis." *The Translator* 2:1, 65-79.

GERLOFF, Pamela. (1987) "Identifying the Unit of Analysis in Translation: Some Uses of Think-Aloud Protocol Data." In Claus Færersch e Gabriele Kasper (eds). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon: Multilingual Matters, pp.135-58.

_____. (1984) *From the Inside Out: Using Talk-aloud Protocols to Investigate Community Translation*. Tese de doutorado. Cambridge, Mass: Harvard Graduate School of Education.

JÄÄSKELÄINEN, Riitta. (1989) "Teaching How to Use Reference Material in Translation Training: A Think-Aloud Protocol Study." In A. Nuoponen e R. Palmberg (eds.), *Special Languages and Second Languages: Methodology and Research*. Vaasa: AFinLA, pp. 69-78.

_____. (1989a) "The Role of Reference Material in Professional vs. Non-Professional Translation: A Think-Aloud Protocol Study." In Sonja Tirkkonen-Condit (ed.), *Empirical Studies in Translation and Linguistics*. Studies in Languages. Joensuu: Faculdade de Artes, Universidade de Joensuu. 17:175-200.

_____. (1990) *Features of Successful Translation Process: A Think-Aloud Protocol*. Tese de doutorado. Joensuu: Escola de Estudos em Tradução Savon-linna, Universidade de Joensuu.

_____. (1991) "The 'Human Translator' in the Light of Verbal Report Data." A ser publicado em Albrecht Neubert, Gregory Shrcue e Klaus Gommlich (eds). *Basic Issues in Translation Studies: Proceedings of the Fifth International Conference*, Leipzig. June.

_____. (1993) "Investigating Translation Strategies." In Sonja Tirkkonen-Condit e John Laffling, *Studies in Languages*. Universidade de Joensuu: Faculdade de Letras, 28: 99-120.

_____. "Hard Work Will Bear Beautiful Fruit? A Comparison of Two Think-Aloud Protocol Studies." A ser publicado na revista *Meta*, número especial intitulado *Psycholinguistics and Translation*.

_____. e TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. (1991) "Automatised Processes in Professional vs. Non-Professional Translation: A Think-Aloud Protocol Study." In Sonja Tirkkonen-Condit (ed.). *Empirical Research in Translation and Intercultural Studies*. Tübingen: Narr, pp. 89-110.

KRINGS, Hans Peter. (1986) "Translation Problems and Translation Strategies of Advanced Learners of French (L2)." In Juliane House e Shoshana Blum-Kulka (eds.), *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr, pp. 243-62.

_____. (1987) "The Use of Introspective Data in Translation." In Claus Færsh e Gabriele Kasper (eds). *Introspection in Second Language Research*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 159-176.

LÖRSCHER, Wolfgang. (1991) *Translation Performance, Translation Process, and Translation Strategies: A Psycholinguistic Investigation*. Tübingen: Narr.

_____. (1991a) "Thinking Aloud as a Method for Collecting Data on Translation Processes." In Sonja Tirkkonen-Condit (ed.), *Empirical Research in Translation and Intercultural Studies*. Tübingen: Narr, pp. 67-78.

_____. (1993) "Translation Process Analysis." In Yves Gambier e Jorma Tommola (eds), *Translation and Knowledge*, Proceedings of the Scandinavian Symposium on Translation Theory. Turku, 4 - 6 June 1992. Turku: University of Turku - Centre for Translation and Interpreting, pp. 195-212.

MARTINS, Claudia de Rezende. (1996) *A tradução enquanto processo de produção textual: uma visão introspectiva*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ.

PINTO da SILVA, Ana Cristina. (1996) "Os procedimentos técnicos da tradução no processo tradutório de uma aprendiz." Comunicação apresentada na V Semana Interdisciplinar de Estudos Anglo-Germânicos, Faculdade de Letras, UFRJ, sob a orientação de Aurora M. S. Neiva.

SÉGUINOT, Candace, ed. (1989) *The Translation Process*. Toronto: H. G. Publications.

_____. (1989a) "A Process View of Translation." In _____ (ed.) *The Translation Process*. Toronto: H. G. Publications, pp. 1-6.

_____. (1989b) "The Translation Process: An Experimental Study." In _____ (ed.) *The Translation Process*. Toronto: H. G. Publications, pp. 21-54.

_____. (1989c) "Understanding why translators make mistakes." *TTR*. 2: 73-81.

_____. (1991) "A Study of Student Translation Strategies." In Sonja Tirkkonen-Condit (ed.). *Empirical Research in Translation and Intercultural Studies*. Tübingen: Narr, pp. 79-88.

_____. (1993) "Where do I Go from Here?" in Yves Gambier e Jorma Tammola (eds), *Translation and Knowledge*. Proceedings of the Scandinavian Symposium on Translation Theory. Turku, 4 - 6 June 1992. Turku: University of Turku - Centre for Translation and Interpreting, 19-38.

_____. (1995) "Some Thoughts About Think-Aloud Protocols." Versão revista de comunicação intitulada "Think-aloud protocols: A new approach" apresentada no Congresso da Canadian Association for Translation Studies, Calgary, 7 de junho de 1994. A ser publicado na revista *Target*.

SHUTTLEWORTH, Mark e COWIE, Moira. (1997) *Dictionary of Translation Studies*. Manchester: St. Jerome.

TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. (1986) "Text Type Markers and Translation Equivalence." In Juliane House e Shoshana Blum-Kulka (eds.), *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Narr, pp. 95-113.

_____. (1989) "Professional vs. Non-Professional Translation: A Think-Aloud Protocol Study." In Candace Séguinot (ed.), *The Translation Process*. Toronto: H. G. Publications, pp. 73-86.

_____. ed. (1991) *Empirical Research in Translation and Intercultural Studies*. Tübingen: Narr.

_____. (1992) "How do Readers Infer Relational Propositions in an Argumentative Text: An Experimental Study." In Frans von Emmeren, Rob Grootendorst, J. Anthony Blair e Charles A. Willard (eds.), *Argumentation Illuminated*. Amsterdam: International Society for the Study of Argumentation, pp. 235-42.

_____, ed. (1993) *Recent Trends in Empirical Translation Research*. Joensuu: University of Joensuu, Faculty of Arts.

_____. (1993a) "Choice in Translation: A Challenge to Theory and Practice." In Sonja Tirkkonen-Condit (ed.), *Recent Trends in Empirical Translation Research*. Joensuu: University of Joensuu, Faculty of Arts, pp. 5-9.

_____. (1993b) "What Happens to a Uniquely Finnish Particle in the Process and Products of Translation?" in Yves Gambier e Jorma Tommola (eds), *Translation and Knowledge*. Proceedings of the Scandinavian Symposium on Translation Theory. Turku, 4 - 6 June 1992. Turku: University of Turku - Centre for Translation and Interpreting, pp. 273-84.

VAN DIJK, Teun A. e KINTSCH, Walter. (1983) *Strategies of Discourse Comprehension*. New York: Academic Press.

VINAY, Jean-Paul and Jean Darbelnet. (1957) *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris: Didier.

_____. (1995) *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*. Trans. by Juan C. Sager e M.-J. Hamel. Amsterdam: John Benjamins.

Notas

1. Fraser (1996) fornece uma análise bastante elucidativa de algumas destas pesquisas.
2. Verificou-se, posteriormente, que o conceito é adotado por outros pesquisadores, embora com terminologia diferente. Por exemplo, Ballard (1996): "ce que le traducteur traduit d'un jet."
3. Bakhudarov (1996) traça um excelente histórico desta área de investigação.